

“Todos nós temos um bocadinho de ativismo”: Experiências de participação de um grupo de jovens na Greve Climática Estudantil

“We all have a bit of activism”: Experiences of youth participation
in the School Strike for Climate

“Nous avons tous un peu d’activisme”: Expériences de la
participation des jeunes à la Grève Étudiante pour le Climat

Ana Dias Garcia^{[a]*}, Eunice Macedo^[a] & João Queirós^[b]

^[a] CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

^[b] Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e Instituto de Sociologia
da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo trazer ao palco do debate direitos de cidadania ativista de jovens. Para isso, apresenta argumentos que desmontam pressupostos que desconsideram e desqualificam as pessoas jovens, sobretudo as menores de 18 anos, enquanto cidadãs ativas e capazes de se envolver em causas comuns, criar propostas e participar em processos de tomada de decisão. O cenário é o de uma investigação participativa com base em métodos artísticos e orientada para a ação, em que jovens entre os 14 e os 17 anos do grupo de pesquisa participaram na Greve Climática Estudantil que aconteceu no Porto em maio e setembro de 2019. Desencadeada pela jovem ativista Greta Thunberg, esta mobilização internacional de jovens pela justiça ambiental e social foi um dos palcos onde foram observadas e analisadas práticas participativas do grupo. Esta experiência evidenciou desejos de liberdade e a necessidade destas pessoas jovens se expressarem, serem vistas, ouvidas e consideradas na gestão de assuntos que as afetam direta ou indiretamente, portanto, de exercerem cidadania. Simultaneamente, revelou-se a necessidade de compreensão das limitações às estruturas de acesso e oportunidade de participação como exercício de cidadania, do reconhecimento de formas e contextos plurais de expressão e participação jovem.

Palavras-chave: participação de jovens, cidadania, ativismo, investigação participativa

* **Correspondência:** anitaldgarcia@gmail.com

Abstract: The present article aims to debate perspectives that disregard and disqualify young people, especially those under the age of 18, as active citizens who can engage in common causes, create proposals, and participate in decision-making processes. In the context of developing participatory research based on artistic methods and action-oriented, young people between 14 and 17 years old from the research group participated in the School Strike for Climate, in the city of Porto in 2019. This experience revealed the desire for freedom and the need of these young people to express themselves, to be seen, heard, and considered in the management of issues that affect them directly or indirectly; therefore, to exercise their citizenship. Simultaneously, it has highlighted the need to understand the limitations on the structures of access and opportunity for participation as an exercise of citizenship, and the recognition of plural forms and contexts of youth expression and participation.

Keywords: youth participation, citizenship, activism, participatory research

Résumé: Cet article vise à débattre les perspectives qui disqualifient les jeunes, en particulier ceux de moins de 18 ans, en tant que citoyens actifs pouvant s'engager dans des causes communes, créer des propositions et participer aux processus décisionnels. Dans le développement d'une recherche participative basée sur des méthodes artistiques et orientée vers l'action, des jeunes de 14 à 17 ans du groupe de recherche ont participé à la Grève Étudiante pour le Climat dans la cité de Porto en 2019. Cette expérience a révélé le désir de liberté et le besoin de ces jeunes de s'exprimer et d'être considéré dans la gestion des questions qui les touchent directement ou indirectement; donc, d'exercer leur citoyenneté. Simultanément, l'expérience a révélé la nécessité de comprendre les limitations des structures d'accès et d'opportunité de participation comme exercice de la citoyenneté et la reconnaissance des contextes pluriels d'expression et de participation des jeunes.

Mots-clés: participation des jeunes, citoyenneté, activisme, recherche participative

Introdução: olhares e vozes jovens entre a cidade e cidadania

Este artigo enraíza-se numa investigação mais ampla, desenvolvida entre uma escola de 2.^o e 3.^o ciclos integrada no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária¹ e uma constelação de bairros de habitação social, onde um grupo de jovens participou como parceiro na coconstrução de conhecimento. Neste panorama, questionamos e desafiamos o pressuposto de que as pessoas jovens não são competentes para participar, são pouco ativas politicamente e não têm interesse por se envolver em causas coletivamente, tal como vários/as autores/as têm já questionado ao longo das últimas duas décadas (Briggs, 2017; Marsh et al., 2007; Plummer,

¹ Programa implementado pelo Ministério da Educação em 1996 que visa prevenir e reduzir o abandono escolar precoce e o absentismo, reduzir a indisciplina e promover o sucesso educacional de estudantes, em escolas localizadas em territórios afetados pela pobreza e exclusão social (Despacho 147-B/ME/96).

2003; Tonon, 2012). Procuramos compreender que circunstâncias, oportunidades e barreiras encontram as e os jovens deste contexto socialmente vulnerável da cidade do Porto (Portugal) para desenvolver aprendizagens e práticas participativas e democráticas, na relação com os seus pares, a sua escola e cidade, dando corpo a uma cidadania ativista, politicamente informada.

Valorizando a observação e escuta de jovens nos seus contextos, e reconhecendo a diversidade das suas vozes, olhares e experiências na construção das suas cidadanias (Macedo, 2018), proporcionaram-se espaços de reflexão, análise e debate com base em processos cocriativos, interativos e dialógicos para a construção participada de conhecimento. Ao longo do trajeto da pesquisa, estas práticas colaborativas democráticas estimularam competências de investigação entre 21 pessoas jovens entre os 12 e os 17 anos, que foram convidadas a participar neste estudo enquanto investigadoras parceiras (Grover, 2004). Esta abordagem permitiu compreender de uma forma mais próxima e aprofundada as diferentes perspetivas do grupo sobre a forma como este age e se posiciona perante questões e problemas que o preocupam. No duplo papel de sujeito-objeto investigador, o grupo teve uma contribuição fundamental nesta investigação, reconhecendo as pessoas jovens enquanto produtoras de conhecimento e cocriadoras de processos participativos de pesquisa (Gaitán & Liebel, 2011; Kellett, 2009; Macedo, 2018; Macedo et al., 2020).

A conceção de cidadania tem suscitado diversas reflexões e inquietações. Contudo, enfatizamos a importância da dimensão inclusiva e reivindicativa dos direitos de cidadania (Lister, 2002), associada à “reivindicação de reconhecimento e justiça social” (Macedo, 2018, p. 72). Consideramos ainda o caráter polifónico da cidadania, que integra o reconhecimento da diversidade de vozes e das suas diversas formas de manifestação (Araújo, 2007), que lhe conferem um maior valor no sentido da inclusão e afirmação da diferença, num registo de igualdade de direitos. A celebração da diversidade, também proposta por Stoer e Magalhães (2005), inclui a reclamação pelo direito à diferença e às suas vozes a partir do diálogo entre a diversidade como forma de afirmação no próprio exercício de cidadania. Com base no mapeamento dos lugares onde a exclusão e inclusão social se poderão produzir, os territórios bairro, cidade/espço público, as cidadanias reclamadas (Stoer & Magalhães, 2005) encarnam dimensões desafiantes de análise, onde a diversidade das interações sociais, das formas de ser, estar e existir poderão gerar novas possibilidades de exercício de cidadania.

O discurso de que as pessoas jovens são apenas cidadãs em vias de o ser ainda prevalece (Plummer, 2003), todavia, a ampliação de contextos, circunstâncias e formas de participação a fim de capacitar e empoderar as pessoas jovens para uma participação efetiva como cidadãs no presente incorpora o ideal de cidadania ativista, mais inclusiva e plural (Garcia et al., 2019). É fundamental reconhecer as e os jovens enquanto atores e autores sociais e políticos detentores e produtores de direitos, nomeadamente de participação como exercício de cidadania; jovens capazes de fazer leituras críticas sobre a sua realidade, tomar posições e propor mudanças

(Macedo, 2009, 2018; Menezes, 2014; S. Silva, 2010). A afirmação e a prática por parte das pessoas mais jovens de uma cidadania baseada em direitos (Lister, 2003) é uma oportunidade para que estas se apropriem dos vários recursos, fortalecendo o seu protagonismo e a sua voz, criando formas de expressão e ação, plataformas de intervenção, que corporizem novas experiências educativas e de intervenção social (Madeira, 2013).

Neste sentido, à luz da experiência de participação vivenciada por uma parte do grupo de pesquisa na mobilização global da Greve Climática Estudantil, que aconteceu no Porto em maio e setembro de 2019, o presente texto convida à reflexão e ao debate sobre as diversas motivações, formas, condições e contextos de ação e participação destas pessoas jovens. Durante o envolvimento desse grupo de pesquisa nesta experiência de cidadania ativista, foram analisados espaços de diálogo, interação, participação democrática e expressão criativa que advieram de três etapas: a primeira incorporou um trabalho de pesquisa e criação de cartazes a partir do tema das alterações climáticas; a segunda consistiu na mobilização e participação efetiva na manifestação estudantil pelo clima, incluindo o registo e reportagem audiovisual do acontecimento por parte de jovens do grupo; e a terceira etapa envolveu escuta e debate das reflexões e dos comentários do grupo sobre a sua experiência de participação nesta manifestação.

A operacionalização da pesquisa como jornada de investigação participativa com base em experiências artísticas e orientada para a ação, no sentido da coconstrução de conhecimento intersubjetivo e situado, materializou possibilidades metodológicas para o desenvolvimento de experiências dialógicas emancipatórias de aprendizagem crítica e criativa para a coprodução de conhecimento (Freire, 1992/2014). A combinação democratizante de uma pesquisa participada com práticas reflexivas emancipatórias reconheceu poderes e experiências investigativas, ampliando espaços de expressão e emancipação individual e coletiva. A partir de uma abordagem com recurso a uma “atividade prática”, ou, por outras palavras, a ação sobre o mundo (...), que está na base da transformação física do mundo e, conseqüentemente, de como pensamos” (Amado, 2017, p. 53), a pesquisa incidiu na coconstrução de um processo dinâmico, transdisciplinar e transformador que pressupôs reflexão e questionamento permanentes do coletivo.

A cidade como espaço de aprendizagem, pesquisa e ação: contacto com os contextos e grupos de jovens

A aproximação aos contextos do estudo deu-se primeiramente com a imersão nos 4 bairros vizinhos, localizados em zona limite da cidade do Porto, pontuada por diversos bairros de habitação económica e estabelecimentos escolares integrados no programa “Territórios Educativos de Intervenção Prioritária”. Nestes bairros e escola situados a norte da cidade, pessoas jovens

foram contactadas e desafiadas a participar no estudo enquanto parceiras de pesquisa sobre a sua realidade social e educacional. Com este objetivo, constituíram voluntariamente o grupo de investigação, convidando alguns dos seus pares a juntarem-se ao projeto.

Tendo em conta a necessidade de alargar o grupo de pesquisa, foi estabelecido contacto com a escola local de 2.º e 3.º ciclos, com o objetivo de encontrar as pessoas jovens que não tinham sido alcançadas no contexto dos seus bairros. Tendo a direção da escola considerado o projeto relevante para os e as estudantes daquele contexto, em articulação com as direções de turma, foram realizadas oito sessões exploratórias em oito turmas de oitavo e nono anos de escolaridade no âmbito das aulas de Educação para a Cidadania e o Desenvolvimento.

De uma forma geral, dimensões relacionadas com “investigação”, “participação cidadã” e “cidadania” inspiraram uma certa estranheza entre os e as jovens, o que inicialmente constituiu uma resistência à participação e criação de um grupo de trabalho. A postura dos grupos variou entre a curiosidade, desconfiança e alguma provocação por parte de jovens mais desafiadores/as. Contrariamente ao que se observou no contexto dos bairros, foram sobretudo as raparigas que revelaram mais interesse e fizeram perguntas relacionadas com as temáticas, local e horários das atividades de pesquisa. Contudo, a disponibilidade de tempo e a autorização dos/as encarregados/as de educação foram os maiores constrangimentos que os grupos expuseram na altura do convite à participação.

Simultaneamente, foram sentidos constrangimentos da parte da equipa docente, através de discursos tais como “não vale a pena, não vai conseguir nada deles, eles não querem participar em nada, não se interessam por nada...” ou “estes jovens são muitos complicados, vai ser difícil, eles não estão habituados a dialogar...”. Foi perceptível que uma parte significativa dos e das estudantes, de certa forma, incorporava e naturalizava esse discurso e essa imagem de si próprios, enquanto pessoas não capazes e sem interesse em participar (Menezes, 2014; Ribeiro et al., 2016).

Em contrapartida, a proposta de pesquisa foi bem acolhida por um outro grupo de docentes, que enfatizou a importância da sua implementação naquele contexto e com aquelas pessoas jovens em particular. Foi com o apoio deste grupo de docentes e a psicóloga escolar que se tornou possível chegar a mais jovens, conscientizando-os/as para a relevância da sua colaboração enquanto parceiros/as de pesquisa.

Deste modo, as atividades de pesquisa aconteceram entre uma sala cedida pela escola, outra pelo centro comunitário de um dos bairros, e espaços ao ar livre escolhidos pelo grupo, nomeadamente em parques arborizados. Todavia, as sessões não foram fechadas a estes locais, existindo uma articulação com outros espaços públicos daquela zona da cidade. Esta articulação realizou-se através do incentivo à concretização de atividades investigativas que envolvessem a exploração e apropriação do espaço público urbano por parte do grupo de jovens. A ligação entre estes lugares aconteceu a partir das temáticas e atividades introduzidas por cada jovem,

abordando aspetos que deram indicações sobre as suas preocupações e formas de como se relacionam e agem nesses contextos.

TABELA 1
Composição do grupo geral de pesquisa

	Composição	Idades	Local de Atividades
Grupo A	6 rapazes e 1 rapariga (7 jovens)	Entre os 15 e os 17 anos	Centro Comunitário do Bairro
Grupo B	5 raparigas e 1 rapaz (6 jovens)	Entre os 13 e os 17 anos	Espaço cedido pela escola
Grupo C	4 raparigas e 4 rapazes (8 jovens)	Entre os 12 e os 13 anos	

Os dados disponíveis revelam que a maioria destas pessoas jovens vive em contextos sociais vulneráveis afetados pelo desemprego, empregos precários, pobreza urbana e degradação ambiental. Alguns dos principais problemas das populações residentes em bairros de habitação social do Porto são o aumento do risco de situações de pobreza, o tráfico e consumo de drogas, a estigmatização e a degradação do edificado, sendo, neste cenário, as pessoas mais jovens um grupo particularmente vulnerável (Faria et al., 2013), situação que se acentuou em tempo de pandemia (Machado & Melo, 2020). À semelhança de outras cidades, os contrastes paisagísticos que compõem o retrato da cidade do Porto espelham, muita vezes, segregação territorial e desigualdades sociais que traduzem dinâmicas urbanas próprias (M. Silva et al., 2020) e que poderão ser manifestadas pelas e pelos mais jovens.

Diante de uma paisagem urbana fragmentada, caracterizada por espaços desestruturados e socialmente desfavorecidos que muitas vezes instigam relações de poder assimétricas e situações de exclusão social (Queirós, 2019; Young, 2002), as pessoas jovens deparam-se com constantes desafios sociais e educacionais (Macedo, 2009, 2018; S. Silva, 2010). As características e dinâmicas sociais de áreas urbanas marginalizadas poderão contribuir para a produção de representações negativas das pessoas que nela vivem, podendo colocá-las em situações de vantagem ou desvantagem social (Guerra et al., 2017).

O grupo de pesquisa foi encorajado a desenvolver interações no seu contexto urbano, possibilitando a observação e compreensão da forma como cada jovem vive a sua cidade, considerando que a relação com este espaço pode constituir um dado revelador sobre práticas participativas. Neste sentido, e como desenvolvemos no ponto referente ao guião metodológico, foram ativadas metodologias de pesquisa que permitiram aceder às condições que estas e estes jovens encontram para agir e participar nos contextos em que vivem, criando e apropriando sentidos.

Oportunidades de construção cidadã e democrática no quadro de uma cidadania ativista

A cidadania ativista poderá inscrever-se numa conceção de cidadania mais desafiadora e reivindicativa com múltiplas formas de expressão e ação que transcende a ideia de cidadania ativa, que poderá delimitar o exercício e cumprimento de participação segundo um determinado modelo, forma ou lugar. Ao referirmo-nos a uma cidadania ativista, sugerimos a emergência de uma cidadania mais ampla e “apaixonada”, mais implicada com causas e a transformação socio-política (Joyce, 2014). Esta expressão de cidadania poderá incorporar movimentos sociais e diversas formas de reivindicação de dimensão local e global, desafiando conceções tradicionais de cidadania e participação, no sentido da retificação de desequilíbrios de poder e injustiças sociais (Fagan & Sircar, 2019). As atuais reivindicações por mais direitos humanos, nomeadamente relacionados com a justiça climática e social, e pelo esbatimento de muros e fronteiras físicas, sociais e políticas, têm impulsionado novos formatos, contextos e lugares de ação e protesto, exigindo a reinvenção das noções mais tradicionais de cidadania (Isin, 2009).

A possibilidade de participação na Greve Estudantil surgiu durante as sessões de pesquisa no terreno, quando, nos círculos de diálogo, jovens do grupo revelaram interesse em envolver-se na manifestação. Contudo, a maioria viu-se limitada à decisão da escola, que não aderiu à iniciativa e não se mostrou aberta a dispensar sem penalização as e os estudantes que participassem. Também algumas famílias revelaram relutância relativamente à sua participação na manifestação, acentuando constrangimentos no grupo pela falta de apoio na concretização dessa participação. Neste cenário, foram necessários pedidos formais de autorização à escola e a encarregados/as de educação para que estas pessoas jovens tivessem dispensa das aulas para participar na manifestação, justificando o seu caráter pedagógico e cívico, no âmbito da presente investigação.

Esta situação é ilustrativa das dificuldades enfrentadas pelas e pelos jovens face à interferência do mundo adulto nas suas vidas. Ao longo do trabalho empírico, a maioria do grupo admitiu ter uma relação complicada com a escola, associada ao ambiente escolar pouco estimulante à participação, ao currículo distante das expectativas, à relação problemática com docentes e ao insucesso escolar. A exclusão e desconsideração da participação e das reivindicações das e dos jovens nos momentos de diálogo coletivo e de tomada de decisão sobre questões que lhes dizem respeito no universo escolar contribuem para o agravamento de tensões e sentimentos de desânimo e insatisfação relativamente à escola.

Apesar de se admitir a relevância desta mobilização e da participação das e dos jovens na sociedade, a falta de tempo, a acumulação de matérias curriculares e a descrença na capacidade participativa destas pessoas jovens foram as razões apresentadas para o desinvestimento nesta oportunidade de prática cidadã. Se uma parte do grupo – três rapazes e três raparigas – conse-

guiu ver validada a sua possibilidade de participação, a restante não, tendo isto constituído um obstáculo ao seu envolvimento naquela oportunidade de aprendizagem crítica, expressão e participação na sua cidade, no quadro da construção de uma cidadania ativista, implicada com a justiça social.

Guião metodológico: uma pesquisa participativa com a colaboração de jovens

A investigação participativa em parceria com jovens exigiu uma *vigilância crítica* permanente quanto à posição e ao papel da presença adulta no processo de pesquisa. Para além da importância da adoção de uma postura de respeito pela dignidade e integridade do grupo e de reconhecimento da diversidade e individualidade de cada jovem, independentemente da sua idade, foi necessário prevenir a eventualidade de algum procedimento colidir com os valores, direitos e as sensibilidades das e dos jovens. Foram instigadas práticas de pesquisa que viabilizaram a inclusão das suas vozes no processo de investigação, de forma a fortalecer o seu papel enquanto protagonistas e participantes ativos/as na pesquisa (Cutter-Mackenzie & Rousell, 2019; Macedo et al., 2020). Durante o trabalho no terreno, o grupo de jovens foi ouvido, consultado e considerado nos momentos de decisão sobre diversos aspetos relacionados com a recolha e geração de dados, assim como no planeamento e decisão acerca de tópicos de discussão, na escolha de possibilidades metodológicas, na definição de lugares e recursos de pesquisa, e formas de disseminação dos resultados. Ao longo deste processo, foi fundamental proporcionar situações de igualdade, procurando amenizar relações de poder, promover relações horizontais e empoderar o grupo (Kellett, 2009, 2011; Schäfer & Yarwood, 2008).

No processo de constituição do grupo de pesquisa, foram salvaguardados princípios éticos de uma prática investigativa responsável, crítica, rigorosa e consentânea. Foram considerados aspetos relacionados com uma pesquisa exigente e comprometida com o respeito por todas as pessoas envolvidas, nomeadamente, garantindo a confidencialidade e o anonimato das e dos participantes, que passaram a ser identificadas/os por pseudónimos (*nicknames*) sugeridos por si próprias/os, bem como o respeito pela sua intencionalidade comunicativa, nos seus termos.

As razões subjacentes à opção de focar jovens com idades entre os 12 e os 17 anos passam por este ser um tempo de transição entre o ser criança e jovem adulto/a, um período particular de diversas construções, mudanças e inquietações pertinente aprofundar nesta pesquisa. Havendo estudos que se debruçam sobre os períodos específicos da infância e a entrada na idade adulta (Corsaro, 2017; Marzana et al., 2012; Ribeiro et al., 2016; Sarmiento, 2018), a necessidade de olhar mais perto e atentamente para o tempo entre esses dois períodos procurou colmatar essa lacuna. Sobretudo no que concerne ao desenvolvimento de processos de escuta, reflexões e debates

relativos à afirmação e reconhecimento de direitos de participação e cidadania de jovens desta faixa etária.

Apesar de ter sido previamente delineado um itinerário metodológico de referência, ele foi negociado com o grupo de jovens, constituindo uma base aberta e flexível, suscetível de ser adaptada, considerando as propostas e direções do grupo. Desta forma, foram mobilizadas estratégias metodológicas inspiradas em práticas artísticas, que enquadraram diversas formas de expressão. Estas práticas possibilitaram a apropriação de recursos – audiovisuais, artísticos, digitais – que induziram o desenvolvimento de processos colaborativos, (auto)reflexivos, dialógicos, interativos e de expressão criativa na construção participada de conhecimento.

TABELA 2
Enquadramento metodológico

Criação de Grupo de Jovens Parceiros de Investigação	Métodos (áudio)visuais: – FotoVoz – VideoVoz
Círculos de diálogo – Sessões de escuta – Conversas informais / fóruns digitais – Observação participante	Práticas Artísticas – Oficinas de experiências artísticas-criativas: teatro, música, escrita, fotografia e vídeo

De modo a que o processo investigativo tivesse efetivamente um efeito transformador no grupo, a participação das e dos jovens passou pela reflexão crítica sobre a sua realidade, pela identificação de problemas e coconstrução de estratégias de ação através da mobilização de métodos e técnicas de pesquisa. Enquanto metodologia de abordagem interativa, prática e reflexiva, a investigação participativa compôs um processo cogrido que estimulou potencialidades educativas, expressivas e participativas nas pessoas jovens e, simultaneamente, o compromisso com a coprodução de conhecimento (Brites et al., 2015).

A partir de uma postura investigativa aberta a novos debates e trilhos metodológicos, a pesquisa participativa com base em métodos artísticos constituiu um estímulo ao envolvimento do grupo de jovens e à sua expressão nas mais variadas formas, nomeadamente através do teatro, da música, escrita e fotografia (Pinter & Zandian, 2015). A captação de fotografias, vídeos e áudios no contexto da mobilização de Jovens pelo Clima permitiu produzir material que serviu de ponto de partida para reflexão e diálogos coletivos sobre a experiência de participação.

Ao longo do trabalho de pesquisa no terreno, incorporaram-se experiências que incluíram caminhadas de pesquisa pelos bairros e espaços públicos, reportagens/entrevistas a jovens na

rua, observação participante, captação fotográfica e audiovisual, dinamização de círculos de diálogo e, finalmente, participação na mobilização de jovens pelo clima, enquadrada na Greve Climática Estudantil. Os principais objetivos destas atividades foram:

- Compreender a relação do grupo de jovens com os seus pares e a sua comunidade;
- Captar olhares, vozes e produzir significados dos diversos espaços que fazem parte do quotidiano do grupo de jovens;
- Identificar vivências e resistências participativas no contexto da escola, do bairro e da cidade;
- Compreender as condições sociais e educacionais para a participação cidadã por parte dos/as jovens;
- Conscientizar o grupo para os seus direitos;
- Observar, refletir e analisar a experiência de participação do grupo na Greve Climática Estudantil.

Do grupo geral de pesquisa, três rapazes e três raparigas entre os 14 e os 17 anos participaram na experiência de participação na Greve Climática Estudantil, que se desenvolveu nas três etapas apresentadas na Tabela 3.

TABELA 3

Jovens em Ação: etapas da experiência de participação do grupo de pesquisa na Greve Climática Estudantil

1. Oficina de pesquisa e conexão de cartazes	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de imagens sobre temáticas relacionadas com as alterações climáticas e a preservação do meio ambiente • Criação de cartazes com material reciclável
2. Participação na mobilização da Greve Climática Estudantil	<ul style="list-style-type: none"> • Participação na marcha estudantil da Greve Climática Estudantil no Porto nos dias 24 de maio e 27 de setembro de 2019 • Reportagem audiovisual (áudio, vídeo e fotográfica) por parte de jovens do grupo
3. Reflexões e registos de olhares e vozes	<ul style="list-style-type: none"> • Debate coletivo sobre a experiência: escuta dos comentários e das reflexões das e dos jovens do grupo acerca da sua experiência de participação na manifestação

Jovens em Ação

Nos pontos que se seguem, são explicitados os passos desta ação coletiva, desde a germinação até à reflexão transformadora sobre a experiência.

1. Oficina de pesquisa e concepção de cartazes

Num primeiro momento, de *germinação* da participação na marcha da Greve Climática Estudantil, o grupo de pesquisa reuniu-se para o desenvolvimento de uma oficina de criação de cartazes, onde se pesquisou e dialogou sobre poluição ambiental e alterações climáticas. A pesquisa sobre a crise climática e os seus impactos sociais foi essencialmente realizada com recurso à Internet e consulta em livros escolares. À medida que o grupo ia consultando informação escrita e visual, despontavam comentários acerca das suas perceções e posições relativas ao tema. Posteriormente, a partir da reciclagem de materiais, designadamente de cartão proveniente de caixas e embalagens de cereais, e inspirado pela pesquisa e pelo diálogo, o grupo dedicou-se à concepção de cartazes, onde se desenharam e escreveram mensagens com diversas cores. Cada rapariga e rapaz decidiu expressar a mensagem que mais lhe pareceu significativa para aquele contexto, nomeadamente:

- “*Não faz sentido ir à escola se não houver futuro*”
- “*O planeta a morrer e os políticos a ver*”
- “*Se a terra falasse ela diria o quanto dói ser maltratada*”
- “*Noé não salvou todos os animais para agora os matarem!*”
- “*Um mundo mais evoluído é um mundo menos poluído*”
- “*Qual o verde que tu vês?*” (diante o desenho de uma nota de 1 dólar e uma árvore).

FIGURA 1

Jovens do grupo concebem cartazes para a Greve Climática Estudantil



Fonte: Fotografias de Ana Dias Garcia.

2. Participação na mobilização da Greve Climática Estudantil

A participação do grupo na mobilização de Jovens pelo Clima aconteceu em dois momentos distintos: numa sexta-feira do mês de maio de 2019; e numa sexta-feira do mês de setembro do mesmo ano. Todas as pessoas jovens do grupo que tiveram oportunidade de participar admiraram que aquela foi a primeira experiência de participação numa manifestação com outras pessoas jovens, tendo mostrado entusiasmo por estarem envolvidas numa ação desta natureza. Apesar de inicialmente terem revelado alguma apreensão pela incerteza de como a manifestação iria acontecer, as raparigas e os rapazes mostraram-se ansiosos para se juntarem à multidão de jovens, proferir palavras de ordem pelo megafone disponibilizado para a ocasião e erguer os seus cartazes.

Ao longo da marcha foi possível observar uma diversidade de jovens, formas e feitios de cartazes, uma multiplicidade de modos de expressar vozes por um mundo melhor. A Bru, o Kamy e o Hyro referiram sentir-se impressionados com a dimensão daquela concentração de jovens e com a variedade de cartazes, estilos, formas de estar e de se manifestar. Depois dos primeiros instantes a observar o contexto e as diversas interações que advinham daquela nuvem efervescente de pessoas, o grupo facilmente se misturou com o restante coletivo de jovens. O Kamy e a Bru, de 16 e 14 anos respetivamente, estavam especialmente ansiosos por experimentar falar pelo megafone e amplificar o som das suas vozes, e quando isso ocorreu ambos revelaram grande exultação.

Ao longo da marcha – cujo roteiro incluiu a passagem pela Rua de Gonçalo Cristóvão, Rua de Santa Catarina, Rua de Passos Manuel, até à Avenida dos Aliados – foram colocadas câmaras fotográficas e de vídeo à disposição do grupo para que este pudesse livremente ir captando, à sua maneira, as várias perspetivas daquele momento. Os equipamentos de captação audiovisual foram disponibilizados ao grupo nos dois dias da manifestação, tendo a câmara de vídeo sido apropriada, sobretudo, pelos jovens rapazes, enquanto as jovens preferiram tirar fotografias. Durante a segunda mobilização ocorrida em setembro, o grupo foi desafiado a movimentar-se entre a multidão juvenil com o objetivo de realizar a reportagem áudio e fotográfica do evento, realizando entrevistas a jovens ativistas, na perspetiva de perceber também o que as e os mobiliza para esta causa. Foi o jovem Kamy quem revelou maior entusiasmo para a concretização deste desafio, tendo-se assumido como o repórter de pesquisa desta manifestação.

FIGURA 2

Jovens do grupo de pesquisa participam na marcha da Greve Climática Estudantil (2019)



Fonte: Fotografias da autora.



Fonte: Fotografias de Ana Dias Garcia.

3. Reflexões e registos de olhares e vozes

Após a experiência de participação na Greve Climática Estudantil, foi importante reunir novamente para escutar cada jovem e perceber como vivenciaram aquela experiência. Com este objetivo, e organizado todo o material recolhido com base nos métodos (áudio)visuais participativos mobilizados pelo grupo durante a manifestação, foi promovida uma reunião onde surgiram algumas reflexões relevantes da parte das e dos jovens (Cremin et al., 2011). Tendo como ponto de partida os sons, os vídeos e as fotografias captadas, proporcionou-se um círculo de diálogo onde foi possível aceder aos múltiplos olhares, de modo a encorajar, mais uma vez, o envolvimento do grupo participante na pesquisa, potencializando a sua participação (Mitchell et al., 2017) como cidadãos e cidadãs ativistas.

Em redor de uma mesa e de um computador, a sessão começou pela visualização das fotografias que inspiraram a conversa. As e os jovens afirmaram que a participação na Greve Climática Estudantil foi uma experiência positiva e estimulante, em que se sentiram “livres ao ocupar as ruas da cidade para se manifestar”. Porém, cada jovem, na sua singularidade, expressou os seus comentários e impressões nos seus próprios termos:

Foi mesmo fixe! E nem houve stress com a bófia nem nada, foi tudo na boa... acho que consegui boas fotos. Havia muita variedade de cartazes e mensagens... (...) Eu estou pronto para a próxima! (Kamy, 16 anos)

Eu adorei a experiência! Nunca tinha participado em nada assim, só via na televisão ou na net... e ao vivo é mais poderoso do que parece... (...) Foi fixe sentirmos a nossa voz a tornar-se coletiva... por estarmos todos juntos com outros jovens... é como se tivéssemos ficado mais fortes... (Smile, 14 anos)

Eu senti-me o Thanos². (...) Porque tive a voz alta... não sei explicar, foi aquela sensação de “eu consigo vencer o Iron Man!”. E senti-me feliz a segurar no megafone! (sorriso) A levantar a minha voz... Nunca pensei gostar tanto. Quero um megafone! (Bru, 14 anos)

Foi fixe, foi libertador! Senti muitas coisas ao mesmo tempo... depois de sentir o que senti hoje, parece que há uma mistura de sentimentos, começam-se a libertar algumas coisas... (Hyro, 17 anos)

A sensação de *poder* e *libertação*, assim como a concretização de *voz coletiva*, foram identificadas pela Smile, Bru e pelo Hyro como sendo aspetos-chave que mais significado tiveram neste momento de participação. Por sua vez, a Nokas admitiu que a causa do clima é importante, no entanto comentou que na escola não falavam tanto destes temas como seria de esperar e que pessoas mais jovens de zonas mais desfavorecidas não estão muito bem informadas sobre o que de facto é o movimento da Greve Climática Estudantil.

Habitados/as a uma relação mais conflituosa com as autoridades policiais no contexto dos seus bairros, naquele momento, sobretudo os rapazes do grupo, mostraram-se surpreendidos/as pela sua atuação conciliadora. Ao perceber o papel dos/as agentes da polícia enquanto responsáveis em manter as ruas livres de trânsito automóvel para que aquele novelo de jovens pudesse estender-se e ocupar o espaço público em segurança e de forma organizada, o grupo confessou sentir-se mais confiante e inabalável na sua participação naquela marcha.

Durante a reunião, também foram visualizados os vídeos que os jovens Kamy e Fruchie gravaram durante a manifestação. Foram ainda ouvidas as entrevistas realizadas a outras pessoas jovens participantes na mobilização, as quais partilharam com o jovem repórter Kamy as suas principais motivações para participar naquela marcha. Segue um excerto dessas entrevistas:

² Thanos é um personagem de banda desenhada com superpoderes, publicada pela Marvel.

Repórter Kamy: Que motivos vos trazem a esta manifestação?

Gabriel (16 anos): Alterações climáticas... também por causa dos direitos dos animais, que também afetam diretamente as alterações climáticas (...) Nós sabemos que vai ser difícil pôr o planeta melhor, só não queremos é que ele fique pior!

Patrícia (20 anos): Para lutar por um planeta melhor, abrir os olhos às pessoas que precisam, dar-lhes um abanão para que percebam a importância disto.

Matilde (16 anos): Queremos que o governo ouça a nossa voz para tomar medidas que salvem o nosso planeta.

Rafaela (16 anos): Nós somos a próxima geração e temos de fazer alguma coisa por ela.

Francisco (22 anos): Estes estudantes estão a reivindicar ação direta e ação concreta da parte do governo, mais conscientização das pessoas, tentar abrir um bocadinho a mente das pessoas que ainda são negacionistas ou que ainda acreditam que isto não é um problema gravíssimo... claro que temos alguns poderes, o voto, a possibilidade de nos associarmos e de fazermos coisas com outros cidadãos, mas o protesto na rua é essencial para marcamos uma posição, mesmo a nível mediático.

Repórter Kamy: E por que acham que esta manifestação é necessária?

Gabriel (16 anos): Ela deve ser feita para dar voz aos jovens e não ser apenas uma coisa que só está na Internet. É para as pessoas verem que temos consciência, que vimos para a rua lutar pelo nosso planeta... que podemos também educar os outros.

Marta (16 anos): E é bom que também haja notícias disto para espalhar a nossa mensagem...

“Todos nós tentamos mudar alguma coisa”: uma espécie de Primavera Jovem

Ao longo desta oportunidade de participação ativista, a partir de uma análise temática, emergiram dados que permitem contrariar a tese que se apoia na ideia de que as pessoas jovens não têm interesse por questões públicas comuns à vida em sociedade e não se envolvem política e socialmente, reforçando o potencial da participação das e dos jovens (Menezes, 2014). A parceria com as pessoas jovens nesta experiência sugere que, efetivamente, estas se interessam e preocupam com assuntos relacionados com a gestão da sua cidade, do seu país e o mundo global, nomeadamente com questões associadas à *pobreza*, *segurança* e *meio ambiente*. Nesta análise, destaca-se a necessidade de reconhecer formas diferenciadas de atuação, de considerar e valorizar a diversidade de vozes e as suas múltiplas formas de manifestação (Araújo, 2007), muitas vezes expressas por meios menos convencionais, onde conseguem amplificar-se mais direta e fluidamente (Harris et al., 2010; Marsh et al., 2007; Menezes, 2014; Norris, 2002).

Parece tornar-se claro que a aprendizagem da atividade participativa e cidadã, enquanto formulação jovem de uma cidadania ativista, se constrói na experiência vivida quotidianamente, no confronto com diversos desafios e contextos, na interação social, nomeadamente no espaço familiar, na escola e restante cidade, como lugares que frequentemente se conflituam e desafiam a construção coerente de sentidos. Assim, neste estudo, foi possível observar que a relação das e dos jovens com a cidade não é homogênea, tendo em conta o género, a idade, as

características e representações do lugar e experiências vividas. Esta perspectiva interseccional (Christensen & Jensen, 2012; Hancock, 2007) incorporou o cruzamento de diversas trajetórias, circunstâncias e condições a partir de questionamentos e diálogos plurais coletivos, em que a cidade enquadra um cenário de múltiplas vivências, construções, diversidades e adversidades.

Tendo constituído uma experiência de aprendizagem crítica e prática cidadã, que corporiza uma cidadania ativista, a participação do grupo de pesquisa na Greve Climática Estudantil revelou desejos de liberdade e urgência dele se expressar, ser visto, ouvido, incluído e considerado na criação de propostas de mudança e nas tomadas de decisões políticas. Simultaneamente, identificaram-se temas-chave que preocupam as e os jovens do grupo, como a *pobreza e insegurança urbana*, *justiça ambiental*, e a importância da *dimensão ética e estética dos espaços públicos*, que se desejam mais verdes, seguros, inclusivos e livres para a expressão criativa e coletiva. Foi consensual entre o grupo que questões relacionadas com o ambiente existem desde que se lembram, assim como a incapacidade das pessoas em resolvê-las. Todavia, apesar de revelarem preocupação com esta temática, o grupo destacou o seu impacto na produção de pobreza, desigualdades e injustiças sociais.

Ilustrando a heterogeneidade das suas vozes, como membros de um grupo social, a Bru mostrou-se pouco esperançosa face à possibilidade de uma mudança favorável, adotando uma posição de desconfiança e insatisfação perante os governos. Por sua vez, ao longo dos diálogos, as jovens Smile e Nokas queixaram-se de que na escola pouco falavam dessas questões, nomeadamente sobre as iniciativas e o movimento da Greve Climática Estudantil. Ambas admitiram que muitas pessoas jovens que conhecem não estão bem informadas sobre o movimento e, inclusive, sobre a realidade e gravidade das alterações climáticas. Compreendem que poluir é uma atitude negativa para o ambiente, mas mostraram-se mais preocupadas com as dificuldades imediatas e emergentes dos seus quotidianos, como os problemas na escola, os testes e as notas, situações de violência e insegurança, a incerteza do futuro, as relações com professoras/es, pares e famílias.

Foi sobretudo o Kamy quem mais enfatizou a importância da participação na manifestação, revelando que sempre teve vontade de fazer parte de ações coletivas de protesto. Apesar de ser voluntário e envolver-se em atividades desportivas e sociais, o Kamy queixou-se de ser, de alguma forma, impedido pela família de participar em manifestações políticas, por receio de confrontos policiais. O restante grupo também lamentou não lhe ser dada mais autonomia e liberdade em momentos em que este poderia manifestar a sua opinião publicamente. As jovens Bru e Smile referiram ainda que serem menores de 18 anos constitui um obstáculo para serem levadas a sério e uma justificação para pessoas adultas não estabelecerem conversas sobre política e outros assuntos com elas, por as considerarem imaturas e incompetentes para perceber e tomar posições. Sobre esta questão, uma das jovens afirmou:

Quando alguém mais velho está a falar de um assunto, por exemplo de política, e quando vê um jovem a chegar, muda para outro assunto qualquer (...) A mim estão sempre a mandar-me calar. Acham que não percebo nada, então, acham que têm de decidir tudo por mim e obrigam-me a fazer coisas que eu não quero. (Bru, 14 anos)

Se o *idadismo* foi denunciado em vários contextos desta pesquisa, a discriminação de género foi também identificada em diversos momentos, representando desafios acrescidos para as jovens. A Bru, inclusive, referiu que pessoas adultas do seu meio familiar percecionam a rua, o espaço público e as manifestações como lugares não indicados para as raparigas, ideia que a jovem analisa criticamente e com sentimento de revolta, reivindicando lugar para a sua voz de género. Consta-se que as raparigas não vivem o espaço público da mesma forma que os rapazes, sendo elas quem experienciam mais sentimentos de insegurança e medo, sendo mais restringidas aos espaços privados. Admitindo que a cidadania se relaciona também com o acesso à cidade, é possível depreender que, neste caso, as jovens poderão estar perante obstáculos estruturais no acesso aos espaços da sua cidade, limitando a sua participação.

Ao longo deste exercício, que potenciou uma recolha de dados muito rica, estas pessoas jovens assumiram três papéis fundamentais enquanto protagonistas desta ação em particular: jovens ativistas emergentes, cidadãs e investigadoras (Cf. Tabela 4).

TABELA 4

Principais papéis protagonizados pelas pessoas jovens do grupo de pesquisa

Jovens ativistas emergentes	<ul style="list-style-type: none"> • Reivindicar justiça social e ambiental • Exigir medidas e ações governamentais contra as alterações climáticas e seus impactos
Cidadãs/os	<ul style="list-style-type: none"> • Reclamar reconhecimento e serem ouvidos/as, vistos/as e tidos/as em conta nos momentos de tomada de decisão e criação de propostas nos contextos da sua escola e cidade
Pessoas investigadoras	<ul style="list-style-type: none"> • Observar, refletir, questionar as suas realidades sociais e educacionais, interagindo e analisando as suas experiências • Produzir perspetivas críticas e debates

Apesar do grupo admitir que as suas condições gerais de participação são frágeis ou inexistentes, um dos jovens referiu que “a rua é de todos” e é vontade das e dos jovens “querer lutar por algo”. A Nokas, de 15 anos, aludiu ainda que “todos nós temos um bocadinho de ativismo”, evidenciando o desejo de ação e reivindicação do direito a ser ouvida, bem como a necessidade de compreender as limitações às estruturas de oportunidade de participação e de renovar espaços de expressão e prática cidadã.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo dar visibilidade ao potencial de cidadania ativista jovem, trazendo ao palco do debate argumentos que questionam e colocam em causa pressupostos que desqualificam e excluem pessoas jovens de processos de participação enquanto exercício de cidadania. Com base na investigação desenvolvida *com* participação de jovens do grupo de pesquisa na Greve Climática Estudantil, foram observadas e analisadas posturas e práticas participativas. A experiência possibilitou identificar sentimentos de exclusão do grupo no acesso a oportunidades de participação cidadã e democrática no contexto da sua escola e cidade, assim como o desejo de maior autonomia e liberdade no que concerne ao envolvimento em debates, na criação de propostas e nos processos de tomada de decisão sobre assuntos que lhes dizem respeito. Simultaneamente, observou-se a urgência destas pessoas jovens se expressarem e fazerem ouvir as suas opiniões, posições e ideias nas diversas dimensões das suas vidas. Desta forma, o grupo evocou a necessidade do diálogo democrático e horizontal entre pessoas jovens e adultas, de modo a incorporar “princípios de não-subordinação” e não-hierarquização (Macedo & Araújo, 2011, p. 185), possibilitando mais oportunidades de aprendizagem e práticas participativas de cidadania ativista.

A partir da proposta de reflexões acerca de perspetivas mais alargadas e inclusivas de cidadania, enquanto relacionamento social, cívico e político nos diversos contextos da cidade, e exercida de múltiplas formas, lugares e linguagens, foi possível desenvolver questionamentos sobre os desafios às cidadanias jovens. Entendida como uma construção e um processo de aprendizagem crítica cujo palco se estende da escola para a cidade, a prática cidadã quer-se atenta, emancipatória e transformadora. Deste modo, o encorajamento de experiências colaborativas, participadas, criativas e democráticas como aprendizagem de prática cidadã reafirma a necessidade de incluir as vozes de diversos/as protagonistas jovens e alimentar novas oportunidades de envolvimento e participação.

A experiência de pesquisa apresentada releva também a exigência de reconhecimento e valorização da diversidade e heterogeneidade das pessoas jovens, enquanto cidadãs, ativistas e investigadoras, capazes de reinventar as suas próprias práticas cidadãs e ações políticas (Garcia et al., 2019; Menezes, 2014). Neste sentido, a compreensão das limitações às estruturas de acesso e oportunidade de participação democrática como prática de cidadania poderá acompanhar a mobilização de mecanismos que permitam transpor obstáculos à participação ativa e ativista de jovens nas suas comunidades.

As propostas metodológicas mobilizadas asseveram a importância do envolvimento das pessoas jovens como sujeitos e objeto da investigação, e permitiu compreender melhor a multiplicidade das suas identidades, culturas, posicionamentos e formas de ação. Esta parceria e abor-

dagem participativa permitiram empoderar estes e estas jovens (Morrell, 2004) e facilitar a abertura de caminhos para novas reflexões e ações no sentido da desconstrução de estereótipos, preconceitos e padrões associados às diversas culturas e práticas participativas juvenis.

Argumenta-se, pois, que “nada pode ser mais determinante para a democracia do que a educação dos seus cidadãos” e cidadãs (Nussbaum, 2014, p. 75), porém, essa educação deverá possuir um caráter emancipatório e ativista, sendo orientada para o debate crítico coletivo e para coconstrução de espaços plurais de escuta ativa e ação, respeitando os interesses e desejos das pessoas jovens. A apropriação de múltiplas formas de expressão, de recursos artísticos, digitais e criativos, de espaços públicos e comunitários, que desafiem as pessoas jovens a projetarem-se socialmente e a desenvolverem autonomamente as suas próprias aprendizagens, produções e formas de participação, poderá constituir um caminho para a mudança.

Agradecimentos: Este trabalho contou com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e do Fundo Social Europeu – Programa Operacional de Capital Humano (POCH) do Programa Portugal 2020 [Bolsa de doutoramento n.º SFRH/BD/132196/2017].

Referências bibliográficas

- Amado, João (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3.ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Araújo, Helena C. (2007). Cidadania na sua polifonia: Debates nos estudos de educação feministas. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 83-116.
- Briggs, Jaqueline (2017). *Young people and political participation: Teen players*. Palgrave Macmillan.
- Brites, Maria José, Jorge, Ana, & Santos, Silvio C. (2015). *Metodologias participativas: Os media e a educação*. Livros LabCom.
- Christensen, Ann-Dorte, & Jensen, Sune Q. (2012). Doing intersectional analysis: Methodological implications for qualitative research. *NORA – Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 20(2), 109-125. <https://doi.org/10.1080/08038740.2012.673505>
- Corsaro, William (2017). *The sociology of childhood*. SAGE.
- Cremin, Hillary, Mason, Caroline, & Busher, Hugh (2011). Problematising pupil voice using visual methods: Findings from a study of engaged and disaffected pupils in an urban secondary school. *British Education Research Journal*, 37(4), 585-603. <https://doi.org/10.1080/01411926.2010.482977>
- Cutter-Mackenzie, Amy, & Rousell, David (2019). Education for what? Shaping the field of climate change education with children and young people as co-researchers. *Children's Geographies*, 17(1), 90-104. <https://doi.org/10.1080/14733285.2018.1467556>
- Fagan, Adam, & Sircar, Indraneel (2019). *Activist citizenship in Southeast Europe*. Routledge.

- Faria, Alexandra, Ferreira, Célia, & Rocha, Eugénia (2013). *Monitorização social do Porto 2013*. Direção Municipal do Urbanismo – Câmara Municipal do Porto.
- Freire, Paulo (2014). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. (Publicação original em 1992)
- Gaitán, Lourdes, & Liebel, Manfred (2011). *Ciudadanía y derechos de participación de los niños*. Univ. Pontificia de Comillas; Ed. Síntesis.
- Garcia, Ana, Macedo, Eunice, & Queirós, João (2019). Roteiros de coconstrução de conhecimento, expressão e participação: Como pessoas jovens (re)criam cidadania? *Praxis Educativa*, 14(3), 1230-1250. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.14n3.023>
- Grover, Sonja (2004). Why don't they listen to us? On giving power and voice to the children participating in social research. *Childhood*, 11(1), 81-93. <https://doi.org/10.1177/0907568204040186>
- Guerra, Paula, Rodrigues, Marta, Sousa, Sofia, & Saraiva, Rui (2017). O outro lado da cidade: Dinâmicas de apropriação de espaços residenciais periféricos. *Filosofia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 34(2017), 113-132. <http://dx.doi.org/10.21747/21836892/fil34a7>
- Hancock, Ange-Marie (2007). Intersectionality as a normative and empirical paradigm. *Politics & Gender*, 3(2), 248-254. <https://doi.org/10.1017/S1743923X07000062>
- Harris, Anita, Wyn, Johanna, & Younes, Salem (2010). Beyond apathetic or activist youth: 'Ordinary' young people and contemporary forms of participation. *Young*, 1(18), 9-32. <https://doi.org/10.1177/110330880901800103>
- Isin, Engin (2009). Citizenship in flux: The figure of the activist citizen. *Subjectivity*, 29, 367-388. <https://doi.org/10.1057/sub.2009.25>
- Joyce, Mary (2014). *Activism success: A concept explication*. University of Washington.
- Kellett, Mary (2009). Children as researchers: What we can learn from them about the impact of poverty on literacy opportunities? *International Journal of Inclusive Education*, 13(4), 395-408. <https://doi.org/10.1080/10236240802106606>
- Kellett, Mary (2011). Empowering children and young people as researchers: Overcoming barriers and building capacity. *Child Indicators Research*, 4, 205-219. <https://doi.org/10.1007/s12187-010-9103-1>
- Lister, Ruth (2002). Cidadania: Um desafio e uma oportunidade para as feministas. *Ex-aequo*, 7, 165-178. <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/cidadania-um-desafio-e-uma-oportunidade-para-as-feministas>
- Lister, Ruth (2003). *Citizenship: Feminist perspectives* (2.ª ed.). Palgrave Macmillan.
- Macedo, Eunice (2009). *Cidadania em confronto: Educação de jovens elites em tempo de globalização*. Legis Editora.
- Macedo, Eunice (2018). *Vozes jovens entre experiência e desejo: Cidadania educacional e outras construções*. Edições Afrontamento.
- Macedo, Eunice, & Araújo, Helena C. (2011). Cidadania e vozes jovens em educação. *Indagatio Didactica*, 3(1), 180-195. <https://doi.org/10.34624/id.v3i1.4564>
- Macedo, Eunice, Santos, Sofia, Doroftei, Alexandra, Araújo, Helena, & Nada, Cosmin (2020). Young people insights on their participation in educational measures in Northern Portugal: Between challenges and opportunities. *Educatio Siglo XXI*, 38(2), 131-152. <https://doi.org/10.6018/educatio.414711>
- Machado, Idalina, & Melo, Sara (2020). *(Re)Inventar a intervenção social em contexto de pandemia* (vol. 4). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Madeira, Rosa (2013). A participação das crianças na esfera pública: A desigualdade social como desafio. *REDITEIA*, 46, 147-165. <https://www.eapn.pt/publicacao/174/rediteia-46-2013-bem-estar-infantil>
- Marsh, David, O'Toole, Therese, & Jones, Su (2007). *Young people and politics in the UK: Apathy or alienation?* Palgrave Macmillan.
- Marzana, Daniela, Marta, Elena, & Pozzi, Maura (2012). Social action in young adults: Voluntary and political engagement. *Journal of Adolescence*, 35(3), 497-507. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.08.013>
- Menezes, Isabel (2014). Fazer política por outros meios? In Eunice Macedo (Coord.), *Fazer educação, fazer política: Linguagem, resistência e ação* (pp. 19-36). Legis.
- Mitchell, Claudia, Lange, Naydene, & Moletsane, Relebohile (2017). *Participatory visual methodologies: Social change, community and policy*. SAGE.
- Morrell, Ernest (2004). *Becoming critical researchers: Literacy and empowerment for urban youth*. Peter Lang.
- Norris, Pippa (2002). *Democratic phoenix: Reinventing political activism*. Cambridge University Press.
- Nussbaum, Martha (2014). *Educação e justiça social*. Edições Pedagogo.
- Pinter, Annamaria, & Zandian, Samaneh (2015). "I thought it would be tiny little one phrase that we said, in a huge big pile of papers": Children's reflections on their involvement in participatory research. *Qualitative Research*, 15(2), 235-250. <https://doi.org/10.1177/1468794112465637>
- Plummer, Kenneth (2003). *Intimate citizenship: Private decisions and public dialogues*. University of Washington Press.
- Queirós, João (2019). *Aleixo: Gênese, (des)estruturação e desaparecimento de um bairro do Porto [1969-2019]*. Edições Afrontamento.
- Ribeiro, Norberto, Neves, Tiago, & Menezes, Isabel (2016). Participação cívica e política de jovens imigrantes e portugueses. *Análise Social*, 51(4), 822-849. http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_221_art03.pdf
- Sarmento, Manuel (2018). Infância e cidade: Restrições e possibilidades. *Educação*, 41(2), 232-240. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>
- Schäfer, Nadine, & Yarwood, Richard (2008). Involving young people as researchers: Uncovering multiple power relations among youths. *Children's Geographies*, 6(2), 21-135. <https://doi.org/10.1080/14733280801963003>
- Silva, Manuel, Baptista, Luís, Ribeiro, Fernando, Felizes, Joel, & Vasconcelos, Ana Maria (2020). *Espaço urbano e habitação básica como primeiro direito*. Edições Húmus.
- Silva, Sofia M. (2010). *Da casa da juventude aos confins do mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Edições Afrontamento.
- Stoer, Stephen, & Magalhães, António (2005). *A diferença somos nós: A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Edições Afrontamento.
- Tonon, Graciela (2012). *Young people's quality of life and construction of citizenship*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-94-007-2996-4>
- Young, Iris M. (2002). *Inclusion and democracy*. Oxford University Press.